

Nº de leitos cresce menos que a população, diz IBGE

Enquanto o Brasil aumentou, demograficamente, 24% de 1980 a 1990, a oferta de leitos públicos foi de apenas 1,6% no mesmo período

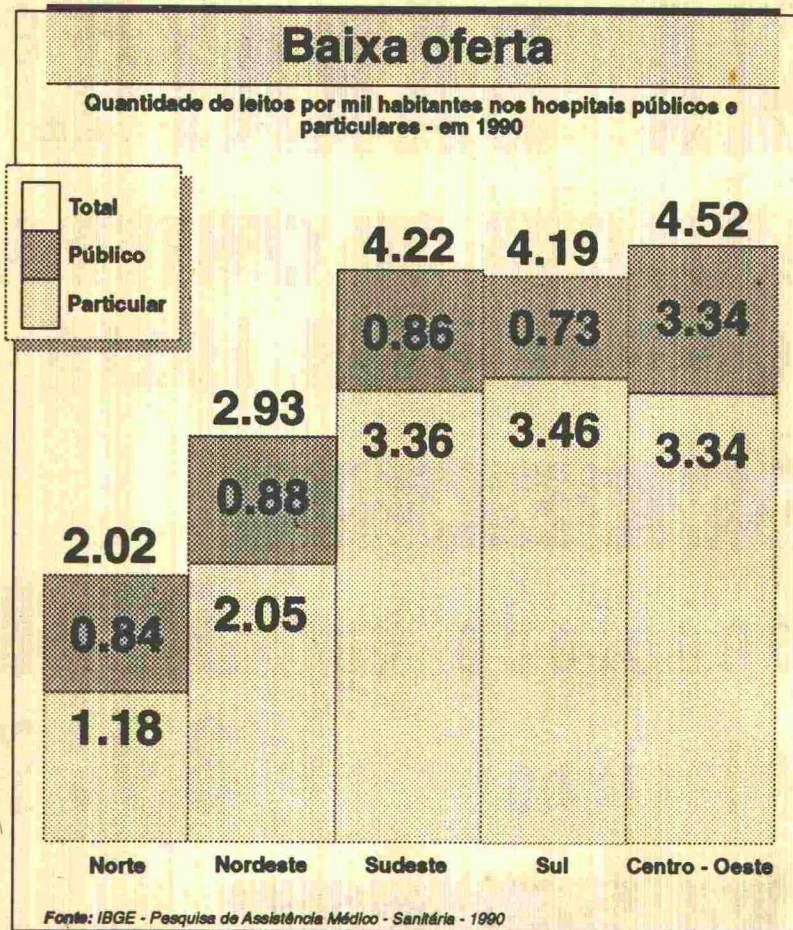
CARLOS FRANCO

RIO — De 1980 até 1990, a população brasileira cresceu 24%, passando de 121,2 milhões para 150,3 milhões, enquanto o número de leitos em estabelecimentos públicos de saúde cresceu apenas 1,64% durante estes 11 anos, isto de 122 mil leitos para 124 mil. A oferta de leitos do setor privado cresceu 5,7% nesse período: 386 mil para 408 mil. Os dados constam do documento Estatísticas da Saúde - Assistência Médico-Sanitária 1990, divulgado ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Segundo a gerente da área de saúde e nutrição do IBGE, Lilibeth Cardozo Ferreira, durante os 11 anos analisados para a preparação do documento, o percentual de estabelecimentos de saúde sem internação saltou de 65,7% em 1980 para 79,6% em 1990. A rede pública, que respondia por 53,3% desses estabelecimentos no início da década, chegou a 61,1% no final. O que revela, disse Lilibeth, a acelerada privatização do setor de saúde face à falta de recursos e investimentos do setor público para atender as necessidades da população.

Por região do País, a Sudeste é ainda a que concentra o maior número de unidades de saúde, 40% em 1980 e 36% em 1990, nas demais regiões as variações passaram de 29% para 30% no Nordeste, de 19,2% para 20% no Sul, de 4,2% para 7,4% no Norte e de 6,4% para 6,1% no Centro Oeste.

Redução — Lilibeth enfatizou que a redução no número de leitos públicos é tão dramática, que caiu de 1,03 leito por mil habitantes em 1980 para 1 em 1984 e 0,87 em 1990. O número de leitos privados para cada mil habitantes também caiu nos últimos 11 anos, pas-



sando de 3,26 em 1980 para 3,21 em 1984 e 2,85 em 1990. Em contrapartida, o número de consultas por cada mil habitantes aumentou substancialmente no período, o que, para Lilibeth, pode ser explicado pela tentativa de evitar a hospitalização nos estabelecimentos públicos. Ela chegou a essa conclusão tomando como base o número de consultas efetuadas entre 1985 a 1987, que apresentam uma divisão equilibrada entre o setor público e o privado ao passo que a partir de 1988, as consultas em hospitais públicos aumentaram.

Em 1990, a população do Su-

deste, conforme a pesquisa do IBGE, fez duas vezes mais consultas em estabelecimentos de saúde pública do que a população do Norte e cinco vezes mais do que a mesma região em estabelecimentos privados. O número de consultas para cada mil habitantes foi 0,72 em estabelecimentos públicos e de 0,29 em privados e no Nordeste 0,84 consultas por mil habitantes na rede pública e 0,55 na privada. No Sul, foram realizadas 1,21 consultas por mil habitantes no setor público e 0,91 no privado e no Centro Oeste 1,31 consultas na rede pública e 0,97 na privada.



Edu Garcia/AE

Mandaqui receberá reforço

O governador de São Paulo, Luiz Antonio Fleury Filho, determinou ontem algumas providências para normalizar o atendimento do Complexo Hospitalar Mandaqui, na Zona Norte. A iniciativa foi tomada um dia depois da visita surpresa da Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) ao hospital, que denunciou irregularidades, como superlotação (foto). Com as medidas, o gerenciamento do hospital Mandaqui, que era feito em conjunto com a Prefeitura, passa a ser exclusi-

vo do Estado. Para resolver o problema da falta de funcionários do Mandaqui e de mais 40 hospitais da cidade, o governador determinou a contratação de 1.400 funcionários.

Desse total, o Mandaqui vai receber 39 médicos. As nomeações devem ser publicadas hoje no Diário Oficial do Estado. "Acreditamos que dentro de dez dias o atendimento no pronto-socorro infantil estará normalizado", afirmou o coordenador da Região de Saúde 1, Olavo Horneaux de Moura Filho.